

Depoimentos – Fotógrafos

Perguntas enviadas aos fotógrafos e respectivas respostas

AS PERGUNTAS ENVIADAS

1 – O que você, pessoalmente achou da foto?

2 - Uma das discussões levantadas nesse caso, e a que me interessa, a bem da verdade, foi sobre se essa imagem, composta de duas exposições de objetos e momentos diferentes mesclados na mesma imagem poderia ainda ser chamada de "fotojornalismo". Qual sua opinião?

3 - Outra discussão aberta pela imagem foi entre o uso de uma foto jornalística como um "comentário" editorial (no caso dos que a defenderam) ou se o jornalismo fotográfico se define pelo registro do que de fato o fotógrafo viu em todo ou parte num único e determinado momento. Onde você se situa?

AS RESPOSTAS

ADRIANA FRANCIOSI

55 anos, jornalista e repórter fotográfica. 33 anos de profissão, incluindo 25 anos em ZH

1 – Acho que é mais uma ilustração do que fotojornalismo. É até admissível o uso de certos recursos artísticos dentro de reportagens fotográficas em contextos de matérias de cultura, por exemplo, o uso de dupla exposição em fotos de dança ou uma cena de teatro. No entanto, no hard news, ou seja, em matérias factuais, como na política ou em tragédias, qualquer coisa que altere os fatos deixa de ser fotojornalismo para virar uma ilustração ou manipulação. Óbvio que o fotojornalismo também é escolha, em que se opta pelos elementos que estarão na composição da foto, e por isso, de certa forma, a foto também retrata o ponto de vista do fotógrafo. Mas voltando ao debate sobre a "ilustração" da Folha de SP, achei de uma total infelicidade tanto da fotografia como em especial dos editores que optaram pela foto. Isso porque a imagem também é contexto. Não foi só a dupla exposição técnica que ficou mal para a Folha, mas antes o duplo sentido que a imagem gerou, pois grande parte viu como um tiro que atingiu Lula, ou seja, desejo explícito de boa parte dos bolsonaristas. Logo a mensagem da imagem ficou tão difusa que não foi entendida como "resistência", interpretação com a qual a fotografia se justifica, mas sim como um acirramento da violência. Agora volto a dizer: nada justifica o tipo de crítica misógina sofrida pela jovem profissional.

2 – Penso que duas imagens sobrepostas em momentos diferentes não podem ser consideradas fotojornalismo, mas sim ilustração. Uma coisa é você fazer um ensaio fotográfico, em que diversas fotos tentam formar uma unidade de ideias. Outra coisa é tentar juntar duas fotos para formar uma terceira, no caso da dupla exposição, com a intenção de "dizer algo". E é justamente aí que mora o perigo, pois é manipulação. Não sou contra o uso de recursos técnicos, como dupla exposição, em matérias jornalísticas que envolvam Cultura, por exemplo, como fotos para captar movimentos de dança,

teatro ou até em retratos, onde uma série enorme de técnicas podem ser usadas sem ser caracterizada como "manipulação". No entanto, em matérias ditas hard news, penso que não se pode, de forma alguma, alterar os acontecimentos. E por isso, a utilização da dupla exposição nesse caso é sim manipulação. E, ao contrário de destruir o cânone do que é fotojornalismo, o debate só reforça e deve lembrar aos jovens fotojornalistas que existem limites éticos a serem observados. Muitas vezes na ânsia de fazer algo "diferente", o fotógrafo sem grande formação no contexto político acaba esbarrando na sua própria ignorância. Embora a intenção da fotógrafa da Folha tenha sido de mostrar "resistência", o fato é que a imagem carrega uma forte simbologia de violência ao mostrar um vidro estilhaçado, como um tiro no coração de Lula.

3 – Hoje em dia não estou mais trabalhando com fotojornalismo. Mas como repórter fotográfica sempre procurei diferenciar matérias de hard news, onde não dá para usar certas técnicas sob pena de deixar de ser fotojornalismo para ser ilustração, e usar mais livremente técnicas em matérias que permitem esse tipo de experimentalismo para além do factual.

ALINA SOUZA

34 anos, na profissão desde 2012. Repórter fotográfica do Correio do Povo e responsável pela coluna FotoCorreio, no mesmo jornal

1 – Linda. Arrepiante. Confesso que no momento que a vi, pensei “Bá, a Gabriela é sensacional, conseguiu pegar o Lula com o vidro estilhaçado na frente”. Aí, depois fui perceber que era múltipla exposição. Até porque li a legenda na postagem do Instagram dela. Gosto disso também: quando uma fotografia nos instiga, questiona. Interrompe este nosso consumo desenfreado de imagens, faz-nos demorar um pouco mais sobre sua composição. Assim como um texto que deixa a compreensão e a interpretação no ar. Feito um poema. Poesia. Tipo, cada um faça a sua leitura. Ou seja, processos menos concentrados no denotativo, mas sim no conotativo. Metáforas.

2 – Eu tenho uma visão bem mais aberta do fotojornalismo. Eu vejo o fotojornalismo como narrativas sobre acontecimentos de interesse público/social. Nunca somos neutros, seja por meio de texto ou foto. Tudo são escolhas. No caso da fotografia, sempre escolhemos um ponto de vista — literalmente. Sempre estaremos posicionados em algum ponto do tempo e espaço, procurando uma posição daquilo que iremos retratar.

Sempre fui avessa à percepção de registro seco, objetivo. “Vai ali e faz só um registro, Alina.” Eu respondo: quem faz registro é o cartório. Eu teço pensamentos. Eu já carrego uma máquina, e eu não quero ser máquina também. Eu tenho de ter domínio sobre a máquina. Não a máquina me dominar. Já diria o Vilém Flusser. Criar, por que não? Assim como um repórter de texto cria um texto a partir das informações apuradas e entrevistas, nós criamos uma composição a partir do real observado. O real existe a partir das diversas percepções. Difícil explicar. Como se não houvesse apenas uma realidade. Mas sim múltiplas realidades. É real o Lula mexendo na gravata? É. É real o vidro estilhaçado? É.

A combinação destes pedaços de realidades, traz outra realidade que percorre pensamentos, percorre a opinião pública. Inferências. Não só a fotógrafa inferiu em seu

processo fotográfico, como também os leitores da imagem tiveram outras inferências. Ou seja: saímos da superfície. Mergulhamos.

Acredito que o jornalismo, por mais que tenha a pretensão de objetividade e neutralidade, tem essa missão de tocar, ir a fundo, tecer retratos dos momentos, de uma geração, de uma era. Síntese a partir de dados reais. Não no sentido denotativo. Trazer à tona aquilo que está subscrito no corpo social, pulsante, latente — porém não tem forma. As narrativas informam, no sentido de colocar tais sentimentos vaporosos dentro de fôrmas. E tais fôrmas se abrem, multiplicam-se a partir dos olhares dos leitores. Passam do estado vaporoso para o estado sólido alternada e sucessivamente.

3 – Creio que é necessário deixar claro o processo da imagem. No caso, deixar claro que é uma dupla exposição. Um processo de juntar duas fotos (neste caso). Tecnicamente o fotojornalismo (antigo) estava baseado nesta visão mais de “registro”. Mas o tempo passou, as tecnologias avançaram e hoje eu creio que o fotojornalista diferenciado é justamente a pessoa que pensa a imagem — inclusive de uma forma artística — dentro da rede de acontecimentos contemporâneos. Não basta mais ter o domínio da câmera, fazer o “registro” — hoje todo mundo é capaz de fazer isso com a facilidade dos celulares em modo automático. Se o fotojornalista não conseguir ser inteligente e analítico, ele será só mais um na multidão. Creio que é uma quebra de paradigmas. Gabriela Biló pode ser uma precursora.

ANDRÉ ÁVILA

37 anos, fotojornalista desde 2012. Há sete anos repórter fotográfico em Zero Hora

1 – Acho uma baita foto. Um retrato fiel dos últimos acontecimentos de Brasília e da nossa democracia.

2 – Acredito que seja fotojornalismo. Na minha opinião, o problema foi o uso da fotografia. Não havia "fato novo" que justificasse a foto na capa; seria bem empregada num editorial, espaço de colunista ou de crônica política. O que me incomodou no debate sobre se é fotojornalismo ou não, foi o “dois pesos, duas medidas”. A fotografia de múltipla exposição é usada e aceita por jornais, agências e fotógrafos. A cada quatro anos vemos muitas delas em coberturas de olimpíadas. Me incomoda que o "aceite" da foto venha da editoria a ser utilizada. Todas as fotos são regidas pela mesma ética no jornalismo, não deve importar a editoria. O mesmo jornal uma semana antes desta imagem, publicou na capa uma foto (da mesma fotógrafa) de um retrato da ministra Marina Silva com uma dupla exposição. Não houve problema.

3 – Toda foto é um comentário editorial do fotógrafo. Fotografia é interpretação de mundo. Vejo que a questão da tecnicidade não deveria ser antagônica à intenção do fotógrafo - claro, quando em casos a imagem precisa ser explicada na sua legenda, deve ser explicada. E ela foi. Uma fotografia de longa exposição é mais a técnica do que o que o fotógrafo "vê", por exemplo. Nosso olho nu não enxerga dessa forma. Mas sabemos recorrer a esta técnica para informar aquilo que estamos mostrando.

Por isso me situo dentro do fato, com todas as condições que o fotógrafo tem de, com sua técnica, saber contar aliando a estética com a informação que o fotojornalismo demanda.

BRUNO ALENCASTRO

38 anos, Desde 2010, já atuou como repórter fotográfico nos jornais Sul21 (2010), Correio do Povo (2010-2011) e Zero Hora (2012-2018). Atualmente, trabalha como editor na Sift Creative

1 – Em tempos de desmonte das editorias de fotografia dos jornais – onde a lógica dominante é demitir fotógrafos e editores e depender exclusivamente de fotos institucionais para tapar buraco nas páginas dos jornais – acho antes de tudo uma fotografia ousada que rompe com esse estado de coma do fotojornalismo e nos faz pensar. Perturbadora e extraordinária, como bem definiu a pesquisadora Ivana Bentes.

E que, sim, ao contrário do que diz a nota emitida pela presidência da República (“Trata-se de uma montagem, por não retratar nenhum momento que tenha acontecido”), traduz em dois fotogramas sobrepostos (técnica utilizada desde os primórdios da fotografia analógica, ou seja, nenhuma novidade!) dois fatos ocorridos: o vidro estilhaçado nesse cenário de destruição do Palácio do Planalto e o presidente Lula em um evento oficial. Dois acontecimentos que passaram pelo atento radar da fotógrafa em uma de suas coberturas presidenciais sintetizados em uma imagem única.

Esse raso debate instaurado desde então me lembrou do alvoroço causado em 2011 após o reconhecimento conquistado pelo fotógrafo alemão Michael Wolf – Menção Honrosa no tradicional concurso World Press Photo – por seu ensaio a partir de capturas de tela feita no **Google Street View** (*A Series of Unfortunate Events*, 2011). Lembro que foi um fervoroso debate na época e senti que, a partir dele, realmente poderíamos ter evoluído enquanto leitores de imagens. Desmistificado essa pretensão noção pura e até idealista do fotojornalismo. Mas a certeza que fica é que seguimos todos analfabetos visuais, colocando opiniões político-ideológicas acima das dimensões envolvidas no processo de construção de narrativas visuais. Muda-se o foco do debate e seguimos sem pensar e discutir imagem, produção de sentido, semiótica e outras dimensões envolvidas nesse processo de construção de narrativas e interpretação visuais.

Estaríamos discutindo com tanto espanto essa imagem se ela estivesse estampando a capa do NY Times? Ou se tivesse sido produzida por outro experiente do Planalto e não pela fotógrafa que vem sendo atacada e reduzida pejorativamente a “artista e youtuber” em diversas opiniões a seu respeito? E se tivesse a assinatura do Ricardo Stucker, fotógrafo oficial do presidente, qual seria a opinião sobre a imagem? Deixaria de ser fotojornalismo político?

2 – Vejo com espanto a tentativa de teóricos, pesquisadores, professores e profissionais da imagem que desde a publicação da fotografia em questão passaram a discorrer sobre a sua pretensa (e única!) visão sobre o que é o fotojornalismo. Em especial, limitando a discussão ao argumento raso de que a técnica de múltipla exposição “infringe as normas e a ética de fotojornalismo”. O que falar, então, das milhares de imagens produzidas a partir dessa mesma técnica em todas as edições das Olimpíadas e difundidas por jornais ao redor do mundo? Ou então de outras técnicas e desenvolvidas diariamente no exercício da profissão que manipulam essa pretensa ética do fotojornalismo, como panning, usos de luzes artificiais, lentes com óticas

angulares para esvaziar e teles para simular multidões, reflexos que dissimulam nossa percepção, etc?

Dos reducionismos que tenho lido desde ontem: “Fotojornalismo não permite montagem ou múltipla exposição”, “Compromisso com a informação”, “à revelia das normas que regem a prática do fotojornalismo”, “põe em dúvida a competência de quem faz”. Caros ex-colegas, do mercado e da academia, por onde transitei simultaneamente, não estaria na gênese do fotojornalismo uma cobertura mentirosa e tendenciosa da Guerra da Criméia. Uma visão romântica e ficcional dos horrores de uma guerra. É esse o manual do fotojornalismo defendido?

Fotojornalismo é, entre tantas linguagens fotográficas, mais uma forma de interpretação da realidade. Interpretação. Não está à frente ou acima de outras técnicas. Tão subjetiva e manipuladora quanto qualquer outra. É assim e sempre será. Seja ela em um, dois ou em quantos fotogramas forem necessários. E a foto da Gabriela Biló atende a essa dimensão: reflete e problematiza o atual momento político que estamos vivendo. A foto não é causa, mas consequência. O ódio e a violência já estão aí, desde o último desgoverno. Não é a fotografia, fotógrafa ou jornal que inaugura esse contexto. Mas ela nos (fez) fazer pensar sobre, goste ou não.

Bruno somente respondeu duas das três perguntas

JEFFERSON BOTTEGA

50 anos. 36 anos de profissão Fotojornalista no Grupo RBS desde 1996

1 – Não faria e não usaria a fotografia com múltipla exposição para ilustrar uma matéria. Funciona bem como arte, em alguma Bienal, na publicidade, mas no Fotojornalismo, não.

2 – O Fotojornalismo é a atividade ligada à matéria. Historicamente, sua função é reportar de modo visual os fatos para o leitor/internauta. É uma forma de levar o leitor para dentro do evento noticioso. No caso em questão, a cena não existiu, por mais que o Lula estivesse a alguns metros do vidro estilhaçado, aquela cena foi criada, por si só já se perde a credibilidade. Aquela cena foi criada, não é real.

3 – Me situo no "instante decisivo", como bem definiu Cartier Bresson, a foto sintética, a que resume tudo, o fotograma decisivo. Hoje até contamos uma história com algumas fotografias, o chamado ensaio fotográfico, mas sempre com fotos sintéticas, como bem definiu Simonetta Persichetti "O verdadeiro narrador da história é o fotógrafo, no mar agitado em que navegam os barcos bombardeados da imprensa nacional, a ética do compromisso com a informação é um farol de salvação".

JÚLIO CORDEIRO

57 anos. Fotojornalista, 35 anos de atuação.

1 – Pensando na imagem, eu me coloco até mesmo a questão de se é possível defini-la como uma foto. Se a gente for puxar os conceitos da fotografia desde o seu início até as recentes evoluções da tecnologia, poderíamos chamar de “uma foto”, mas

eu, particularmente, pelo fato de ser resultado de uma manipulação técnica, vejo como uma ilustração. Se a mesma imagem fosse feita no processo de uma única exposição, eu acharia uma bela foto. Mas dessa maneira como foi feita, penso que não é uma fotografia, é uma ilustração.

2 – Não considero fotojornalismo, porque não demonstra a realidade. O conceito de fotografia em japonês, Shashin, traduzido literalmente seria “representação da realidade”, ou “reproduzir a verdade”. Acho muito mais coerente essa definição com o que é a atividade fotográfica. Ali não houve uma reprodução da realidade, houve duas situações diferentes que foram sobrepostas. Vou fazer uma comparação, porque acho que esse é um conceito que independe de tempo e lugar, de geografia. Seria como se aqui, em Porto Alegre, a gente fotografasse os fogos na Usina do Gasômetro e em outra noite fotografasse o Laçador e juntasse as duas fotos. Pode ser uma comparação meio tosca, mas aí teríamos uma bela de uma imagem mas que não reproduz o que aconteceu, não houve esse momento. Assim como ali o Lula não chegou perto daquela janela. Acho que com isso se perde toda a essência do fotojornalismo, que é um atestado de presença de um repórter fotográfico no local da imagem. Se eu até tenho dúvidas se dá para chamar a imagem de fotografia, não tenho dúvida alguma de que não é fotojornalismo.

3 – Agora pensando na parte política, sociológica, até editorial, acho que ali a fotógrafa cumpriu seu papel. Apesar de eu discordar dos meios de que ela se utilizou, a responsabilidade tem de ser compartilhada com os editores, que deram o aval para o uso da imagem na capa. Na questão política da publicação eu não vou me envolver, porque há várias opiniões diferentes, de acordo com a linha ideológica que se segue, mas acho que é um momento político complicado para se publicar esse tipo de imagem, seja foto ou ilustração. Muitos estão lendo essa imagem como uma indução a um atentado ao Lula, e isso cada um lê de uma forma, então eu não queria entrar nessa discussão. Com a repercussão que a foto teve, ressaltar que a responsabilidade nesse caso é, em sua maior parte, da edição. Quando se discute se a imagem é uma fotografia ou não, fotojornalismo ou não, a responsabilidade maior, é claro, é da fotógrafa. Mas agora, ao se falar do contexto de publicação, a responsabilidade maior recai sobre os editores, que avaliaram e decidiram publicar. Só para dar outro exemplo. Se um fotógrafo ficasse horas parado num lugar idealizando a fotografia: “daqui a pouco o Lula vai passar na frente desses vidros” e, por sorte e habilidade, o Lula de fato passasse e ele captasse a imagem, seria uma grande foto. O fotógrafo esperou o momento e registrou algo que viu e aconteceu. Já quanto à publicação, sempre é uma segunda etapa a ser discutida. O fotógrafo faz a imagem e leva para a redação, mas se vai ser publicada é uma discussão editorial. Se essa foto tivesse sido feita dessa forma, a discussão hoje sobre a imagem seria só uma: o contexto da publicação. Com a técnica usada, temos duas discussões, sobre a produção da imagem e sua veiculação.

MARCELO CARÔLLO

1- Quando a foto apareceu nas minhas timelines, inicialmente achei tosca. Uma montagem meio grosseira, meio boba. Nível aquelas coisas do tipo "olho nas cores do Brasil chorando uma lágrima de sangue", sabe? Coisa de grupo da família no zap.

Passei rápido, segui rolando, não dei bola. Só depois da quinta vez que a imagem apareceu foi que parei para olhar com calma e entender o porquê do falatório.

2 – Entendo o argumento de "tudo o que pode ser feito em uma analógica pode ser considerado fotojornalismo". Mas não acho, nem de longe, que isso faça sentido. E isso fica claro aqui quando se mescla uma imagem do presidente sorrindo com um vidro quebrado para inventar uma cena que nunca existiu. E inventar nunca vai soar como jornalismo para mim.

3- Puts, essa discussão eu gosto. Acho que caberia, sim, a defesa da foto como comentário editorial, "coluna de opinião" da fotojornalista. Mas aí a embalagem teria que ser outra, né? As pessoas já têm dificuldade de compreender o que é reportagem e o que é opinião dentro de um portal de notícias. Aquela foto do Lula na CAPA DE UM IMPRESSO, sem grandes reflexões anexas, com uma legenda pequena que apenas explica a técnica aplicada (e quantos leitores da folha será que leem "múltipla exposição" e entendem do que se trata?)... É uma soma de decisões estranhas que, para mim, só levam a criar confusão.

Se essa mesma imagem aparece dentro de um contexto claramente opinativo, a percepção geral seria outra. E aí, quem sabe, a foto com cara de montagem de grupo do zap nem chegaria nas minhas timelines.

Tendo a não reforçar a ideia de que o jornalismo precisa *mastigar* tudo para os leitores, que se deve confiar minimamente na capacidade de interpretação de quem lê, mas a gente vive em tempos tão doidos que, poxa vida, uma separação mais clara aqui do que é notícia do que é supostamente arte ajudaria muito.

MATEUS BRUXEL

39 anos. Atua há 10 anos como repórter fotográfico no Grupo RBS para os jornais Zero Hora e Diário Gaúcho

1 - A imagem sugere uma manchete visual impactante, mas se revela sensacionalista. Diante do contexto da publicação e da recente ameaça golpista à democracia, me parece inoportuna. Entendo, entretanto, que isso não pode servir para desqualificar a trajetória profissional da fotógrafa e muito menos justificar ataques à autora da imagem.

2 - Ainda que não se trate de uma foto jornalística, pela dúvida sobre o caráter informativo ou uso editorial descontextualizado, acho importante o debate que ela suscitou. Não me incomoda o uso de múltipla exposição como possibilidade narrativa. E me parece antiquado ainda discutir a fotografia como representação do real, principalmente diante de imagens como as possibilitadas por IA, por exemplo. Acredito que é necessário atentar para questões éticas e o respeito a uma verdade factual dos acontecimentos no fotojornalismo, num cenário de consumo quase ingênuo de imagens e limitada alfabetização visual.

3 - A fotografia jornalística não deve ser tratada como ilustrativa. A ética no compromisso de informar dá credibilidade ao trabalho jornalístico, como ficou evidente nos últimos anos diante da onda de desinformação. Ao mesmo tempo, não se

pode desconsiderar que a fotografia é um tanto de como o fotógrafo ou a fotógrafa se posiciona no mundo, das escolhas que faz do que mostrar e do que deixar de fora, como registra a luz, que ângulo utiliza, enfim, a foto sempre é interpretação.

SÍLVIO ÁVILA

57 anos. Trabalhou 15 anos no grupo RBS, nos veículos Diário Catarinense e ZH, e hoje atua como stringer para a AFP (Agence France-Presse). 39 anos de profissão

1 – Em um primeiro momento, quando eu vi a foto, achei uma imagem espetacular. Quando li a legenda e vi que não era uma fotografia jornalística, aí achei horrível, porque a proposta do fotojornalismo não é essa. Resumindo: não, eu não gostei da foto, que não é foto, é uma ilustração.

2 – Eu acho que não dá para considerar esse tipo de recurso no fotojornalismo numa situação específica como essa. A gente usa muito a técnica de múltipla exposição em fotografia de esporte, em que se está usando uma câmera fixa em um ponto fotografando uma mesma cena em vários momentos, é onde se mostra, por exemplo, o movimento de um atleta. Mas ainda é uma cena que está acontecendo ali na frente do fotógrafo. É diferente do que pegar uma coisa aqui em um ponto e fotografar outra em uma outra situação, à distância, que seja. Não, isso não pode ser considerado fotojornalismo no meu ponto de vista, e não só no meu. Se tu pegar o manual de redação da própria Folha, está escrito textualmente que são proibidas alterações da realidade retratada, tais como apagar pessoas, eliminar ou alterar suas características físicas, inserir objetos ou mudar cenários. Esse é o Manual de Redação da Folha, mas quando se faz jornalismo se aprende isso, também, que uma fotografia não pode mudar uma cena.

3 – Eu acho que o registro é referente a tudo o que o fotojornalista viu, acompanhou, mas ele tem de ser capaz de contar essa história em uma imagem só. Eu costumo dizer que o fotojornalismo tem esse desafio diário de contar toda uma história em uma única imagem, e foi exatamente o que ela não fez. Esse é o grande diferencial do fotojornalismo.